

POLÍTICA ECONÔMICA

Ênfase no setor primário para sair da crise, propõe Brandão

por Milton Wells
de Porto Alegre

O presidente do Bradesco, Lázaro de Mello Brandão, acha que o sucessor do presidente João Figueiredo deve adotar como prioridade, em seu governo, o setor primário, em especial a política de preços mínimos. Com isto, ele acredita que poderá haver uma recuperação do comércio, o que se estenderia aos níveis de produção industrial. "É preciso abrir frentes, apoiar áreas específicas, e, como o Brasil é um país agrícola, uma maior preocupação com o setor primário traria benefícios à economia como um todo", disse Brandão ontem, em Porto Alegre, depois de participar como palestrante de uma reunião-almoço na Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS) com representantes do Instituto Brasileiro de Executivos Financeiros.

Para 1985, ele entende que a economia brasileira irá estabilizar-se de maneira geral, não prevendo maiores incrementos. A inflação deve ceder desde



Lázaro de Mello Brandão

que, segundo disse, seja adotada uma política de desindexação gradual paralela à retomada do processo econômico. Para o segundo semestre, ele acha que os níveis inflacionários continuarão estáveis, vislumbrando os atuais patamares das taxas reais de juros internos simplesmente como um reflexo da inflação que definiu como "a raiz do problema".

O Brasil deverá fechar este ano com um Produto Interno Bruto (PIB) positivo, segundo previu, o que por si só "representa uma boa recuperação em comparação com o ano passado". Sobre a necessidade

de o País crescer 7%, como pregam economistas de oposição para absorção da atual faixa de desemprego, Brandão disse ser este "um número aleatório, que não pode ser levado em consideração de forma rígida".

Quanto à política salarial, ele acha que a negociação direta se constitui na melhor forma de reajuste, entendendo que o próprio mercado tem condições de regular os salários. "O próprio Decreto-lei nº 2.065 prevê isto e acho que isto vai funcionar no próximo ano. Concordo em que o governo não deveria intrometer-se na questão salarial", disse.

DÍVIDA EXTERNA

O sucessor do presidente João Figueiredo deverá encontrar "condições melhores" para a renegociação da dívida externa, o que de fato acontecerá, segundo sua expectativa. "Há, sem dúvida, um clima mais favorável para a renegociação da dívida brasileira. Isto pode refletir-se em 'spreads' menores de forma simbólica e em prazos mais longos. Devemos aproveitar esta situação que se abre naturalmente com as reservas conquistadas pelas exportações. Quanto ao estouro da base monetária, isto ainda pode ser corrigido", afirmou.